

ABRUTALHADOS

Cláudia Antonelli, Brasil

*Quando tenho uma necessidade terrível de - devo dizer a palavra - religião,
então eu saio e pinto as estrelas.*

Vincent Van Gogh

Há tempos difíceis. Agora, vivemos um tempo difícil. Guerras – algumas anunciadas, outras veladas -, fome inexorável, pobreza opressiva, ganância irreduzível; desigualdades, violência inegociável, escassezes causadas por excessos.

Em outros tempos, nosso mundo também viveu horrores, e viu de perto coliseus e gladiadores; povos invasores e devastadores, vikings em suas implacáveis cruzadas, inquisição avassaladora e a peste. Houve sempre muita dor. Esta, agora, não é menor. Talvez não seja maior. É difícil mensurar: a dor, não se mensura. A dor mais aguda inequivocadamente, é a sua própria – a de cada um. A dor mais profunda, é a sua.

Pois aí, no cerne de cada caos, há nós mesmos. Nossa mente, desde que pôde ser nomeada assim, se encontrou algo constantemente em campo de batalha: diante de uma realidade (externa/interna) sempre mais ou menos apta a nos ferir.

Parte desta realidade são os aspectos violentos de nossas próprias mentes, e de outras: tramas que tecem radicalismos; opressões, negações. Há a brutalidade da necessidade de matar e destruir, ao outro ou por vezes a si.

Mas ainda, em meio a estes cenários de guerra e tormentas, há também a ferocidade de nossa bruta – em sua raiz - necessidade de amor, e, quando bem, de amar. É essa, a coisa bruta que somos.

O papel da cultura

Ou – é assim o quão frágeis somos, em nossa crua necessidade do outro, desde muito pequenos. É a vida primeiramente insuflada por alguém, dos cuidados e do (ainda não nomeado) amor, constituindo-nos enquanto seres da cultura. Com o afeto que dará a liga aos nossos atos, e a lei que fará seus contornos.

Conhece-se os dizeres de que o filhote de homem não nasce humano, tentativamente torna-se um. Portanto, as coisas no humano não são assim tão lineares, mas, para sobreviver, será preciso que as necessidades, impulsos, desejos, sempre tirânicos em sua natureza bruta, ainda que sigam procurando o encontro absoluto com o outro – para sua satisfação, pois reinados pelo princípio do prazer, o princípio primeiro -, possam aos poucos ir encontrando e sustentando em si, aparadores, em suas diversas maneiras.

Como a lei primeira: aquela que em algum aspecto, herdamos culturalmente: a interdição de matar o pai, junto à proibição do incesto. Ou seja, este algo transmitido inerentemente de geração em geração, que imporia o respeito ao pai, e um limite para a escolha do objeto sexual. Em consequência, edificando também um princípio de realidade, um segundo princípio, que permeará toda a vida cultural (em sociedade) do sujeito humano (Freud, 1930/1996). Fundando-nos na civilização e, idealmente, afastando-nos do mundo selvagem.

Certo que haverá graus e por vezes curtos-circuitos nesse estado de coisas, por diversas e às vezes misteriosas razões, mantendo-nos, de algum modo, constantemente um pouco selvagens.

As forças civilizatórias que propõem o adiamento, o compartilhamento e, em alguma medida importante, a renúncia - da satisfação imediata - estão e sempre estarão em tensão entre necessidade/desejo¹ e os limites que a realidade impõe.

Freud, no contexto de seus próprios eventos contemporâneos, em uma nação ainda se recuperando de uma guerra particularmente brutal² que o marcou profundamente, escreve *Das unbehagen in der cultur* (o Mal-estar na Civilização), onde nos fala melhor sobre isto tudo.

Nele, nomeou as grandes ameaças da vida: a natureza, atemorizante com seu poder desmensurado; nossa própria saúde, o interno/externo de nossos corpos, condenados à decadência e à dissolução; e as relações humanas. Esta última, acertadamente, Freud considerava a mais presente em sua dificuldade constante, para os seres da cultura. Estar em sociedade infligia mal-estar nos seres humanos, constatou, marcando a dicotomia entre as necessidades de nossas pulsões, e as da civilização; ou seja, entre o indivíduo e a vida em sociedade.

Para tanto, em nome de civilizar-se, o indivíduo necessitava restringir-se em suas pulsões e necessidades. Circunscrevê-las, a fim de garantir-se um quantum de segurança. De vida.

Desta maneira, como seres de linguagem – da cultura – em boas condições criaríamos relações afetivas, produções, e também artifícios e ilusões.

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós, proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. (Freud, 1930/2010).

Contudo, nenhuma construção cultural ou psíquica sanará a condição estrutural do desamparo humano. Neste sentido, qualquer projeto de cultura restaria ineficiente em sua operação, tendo como efeito inevitável o aqui já nomeado mal-estar, a partir do qual a psicanálise operaria (Silva, 2012).

Por vezes, este mal-estar também é desmedido e, dilacerante. Com a frágil fronteira constituída entre o bruto e o civilizado em cada um, entre o que se contém e o que transborda, além de assolar a si mesmo – o sujeito humano - na desmesura de suas pulsões, o mundo lá fora também receberá sua carga deste poço não contido pelos limites da cultura ou da estrutura de cada um: na violência dos afetos e dos atos. Ou seja - a invenção humana, suas formas de ser no mundo, as saídas que cria para dar conta de seu desamparo – ou de sua loucura - permanecerão mais ou menos insuficientes.

¹Para diversos autores da psicanálise (eu inclusive) há diferenças entre estes dois termos – necessidade e desejo –, o que não será endereçado neste texto. Aqui, utilizaremos ambos os termos juntos, assim como Freud o utilizou em seu texto original em alemão – cultura e civilização alternadamente enquanto sinônimos.

²Os números de perdas humanas durante a Primeira Guerra Mundial são assustadores: há registros de aproximadamente 10 milhões de soldados mortos, 21 milhões feridos, e 13 milhões de civis dizimados. (Wikipedia.com)

Assim sendo, daquilo que de si transborda por falha ou falta de algo que o contenha, tanto os dispositivos internos quanto os externos se farão inundar: de ódio, paixão, ausência, loucura (*pathos*), necessidade de encontrar o objeto; e também violência e destruição.

Mas ainda assim, será somente a inserção do homem na linguagem que lhe permitirá pensar sobre si – humano - e sua falta primordial. É só de um lugar já inserido no campo da representação que poderemos tratar a ausência, e a distância.

O desamparo estrutural, não podendo ser ultrapassado (apenas contornado), nos modos singulares de construção desse contorno expressarão a construção particular do aparelho psíquico – ou seja, da subjetividade de cada um, de seu lugar no mundo, diante de si e dos outros.

De tal modo, ante a veemência de nossas pulsões em contrabalanço com as forças civilizatórias, encontraremos (figurativa ou concretamente) pontes ou bombardeios; plantações ou incêndios; autonomia ou submissão; palavra, ou munição. Ou, na melhor das hipóteses menos dicotômicas, algo entre lá e cá.

A coisa bruta que somos

É melhor não nos iludirmos em nossa capacidade superior de domar nossos impulsos primitivos de nossa natureza animalesca (...) do elemento selvagem estranho da irracionalidade humana. Do profundo mundo selvagem de nosso inconsciente. A força das pulsões está constantemente em ação... [por ela] nós somos conduzidos. Nossas ideias sempre falam a língua de nossas pulsões.
Schmidt-Hellerau, minha tradução³

Essa coisa bruta que somos, por fim, não encontrará no outro – ser ou sociedade -, aquilo de que precisa, em sua totalidade: aquilo que abateria toda as dores e lacunas. Essa completude que, por fim, apaziguar-nos-ia de sermos humanos, sujeitos da falta. As gratificações se manterão parciais, mas é com elas somente que poderemos ir adiante, construindo vida, relações, futuro e um mundo.

Com um pouco de sorte (trabalho psíquico), nossa insuficiência se transformará em algo bom que fazemos para nós mesmos e, com um pouco mais de sorte, para os outros.

Aquela coisa bruta que somos, com alguma dose de tolerância – de trabalhosas relações com o amor e com os limites – a partir da espera, paulatina e desidealizada, conta-nos um pouco de um mundo possível das leis às quais estamos todos sujeitos, na esfera humana: a lei de um outro, a lei do tempo, do finito; as leis de nosso inconsciente.

Por fim, essa coisa bruta que somos torna-se, na melhor das hipóteses, afeto, criação e dor tolerável à falta estrutural e, em consequência, à falta do outro.

Não subestimemos o trabalho que todos temos. Creio que a psicanálise opera para que, diante dessa coisa bruta que somos, possamos sonhar nossa brutalidade; possamos representar nossos estados emocionais mais violentos; possamos simbolizar, criar e recriar o objeto. Construímos cultura, apesar de tudo; mantermos a curiosidade por conhecermos nossas mentes, conferindo-nos assim uma possibilidade, quem sabe, de um vislumbre do outro – sem querer invadi-lo, colonizá-lo, subjuguá-lo, ou, pior que tudo, eliminá-lo.

O que seria, falsamente triunfar.

³ *So we'd better not delude ourselves in our superior capacity to tame our primitive urges of our animalistic nature (...) the deep wild world of our unconscious. The force of drives is continuously at work. We are driven. [And] our ideas always speak the language of our drives.*

Referências:

Civitaresse, G. *The Violence of Emotions. Bion and post-Bionian psychoanalysis*, The New Library of Psychoanalysis. [*Violenza delle Emozioni*, 2011, Translated by Ian Harvey]. London and NY: Routledge, 2013.

Freud, S. O mal-estar na civilização (1930). Obras completas vol. 18. Trad. De Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-123.

Miller, J.-A. Do amor à morte. Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, Núm. 2, Jul- 2010.

Schmidt-Hellerau, C. *Driven to Preserve Self and Object*, PODCAST, disponível em: <https://talksonpsychoanalysis.podbean.com/e/cordelia-schmidt-hellerau-driven-to-preserve-self-and-object/> acessado 11 julho 2022.

Silva, M.M. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. *Analytica, Revista dePsicanálise*. V. 1. N. 1, 2012.